

Entrevista&

METRÓPOLE MAGAZINE FALA COM MICAELLE VITÓRIA, GAROTA QUE DESCOBRIU UM ASTEROIDE ANTES DA NASA



Foto: Claudio Vieira

Gabriel Campoy

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Nordestina de nascimento e jo-seense de criação. Pelo menos no que se diz respeito ao curso que a vida tomou. É assim que Micaelle Vitória poderia se descrever. Nascida em Jaboatão dos Guararapes, interior do estado de Pernambuco, a garota veio até o estado de São Paulo com diversas ideias e sonhos na mala. Assim como boa parte dos nordestinos que trilharam caminho em direção ao sudeste na

esperança de uma vida melhor, a menina de 17 anos, em companhia da mãe, entrou para a estatística como mais uma dessas histórias. No Vale do Paraíba, em São José dos Campos, foram duas passagens. Na primeira, um susto com a realidade cotidiana diferente e o alto custo de vida. Na segunda, a materialização daqueles sonhos anteriormente citados.

Olimpíada de Matemática, descoberta de asteroide antes da NASA, ingresso pela

primeira vez em um colégio particular e diversos projetos relacionados à ciência e tecnologia. Em um leve bate-papo com a revista **Metrópole Magazine**, Micaelle contou um pouco sobre sua vida, as experiências em São José dos Campos, sua origem e aproveitou também para passar sua visão, referendada na ciência, meio com o qual qual ela está habitualmente acostumada, sobre como vê o enfrentamento ao coronavírus realizado no país. Confira.

Sua trajetória é um caminho que muitos nordestinos fazem na busca por melhores condições de vida na parte sudeste do Brasil, mais especificamente em São Paulo. Como você se adaptou à São José dos Campos?

Micaele- Eu me adaptei super bem à cidade. É um lugar sensacional, com muitas oportunidades de desenvolvimento acadêmico e profissional. Assim como muitos nordestinos, eu e a minha mãe viemos em busca de melhores condições de vida e está dando super certo. Todas as oportunidades que mudaram a minha vida ocorreram aqui em São José dos Campos.

Nesses caminhos enfrentados, houve em algum momento em que pensou em desistir?

Micaele- Momentos de desânimo e cansaço são comuns na trajetória de qualquer pessoa, mas acredito que nunca pensei em desistir dos meus sonhos. Embora eu ainda esteja no processo de autoconhecimento, eu tenho muito claro na minha cabeça o impacto que eu quero causar nas pessoas e no mundo, e em função disso, eu sei que é um caminho árduo que ainda vai exigir muito de mim. Quando os momentos de desânimo vêm, eu desacelero e penso no propósito das minhas ações, acho que fazer o exercício de refletir sobre o que fazemos e potencial que temos de contribuir positivamente para algo ou alguém nos encoraja a não pensar em desistir de tudo.

Como foi sua infância, Micaele? Já vislumbrava alguma coisa das que vêm acontecendo na sua vida?

Micaele- Ninguém da minha família é cientista, engenheiro, médico ou tem uma profissão elitizada. Somos de origem humilde e o trabalho sempre foi sobreposto aos estudos, e por não ter uma referência de alguém que foi à faculdade, durante muito tempo o meu sonho era apenas ter um emprego para ajudar a minha mãe. Como eu era muito nova para trabalhar, eu passei boa parte da minha infância criando coisas para vender: eu já customizei roupas para vender na internet, fazia

e vendia doces com a minha mãe, vendia meus desenhos, fazia maquiagem nas minhas vizinhas e tudo o que me desse a oportunidade de conseguir algo para ajudar em casa. Eu só comecei a entender a importância da educação quando fui impactada por ela, quando pude atuar como protagonista da minha história e quando conheci pessoas que impulsionaram o meu desenvolvimento. Eu cresci com muito apoio da minha mãe, no entanto, as oportunidades sempre foram muito escassas no meu meio social, por isso, quando pedi para irmos morar em São Paulo para que eu pudesse estudar, ela fez muito esforço, vendeu até os nossos móveis para compramos as passagens. Dependendo da sua origem, só acreditar não é o suficiente, é importante que tenhamos oportunidades de desenvolvimento com equidade.

Já enfrentou obstáculos ou preconceito por questões como idade, gênero, origem, entre outras coisas mais?

Micaele- Sim. Normalmente eu me envolvo em iniciativas nas quais eu sou a mais nova ou uma das únicas mulheres e, nessas situações, a subestimação acaba ocorrendo de forma implícita. A título de exemplo, ano passado eu participei do processo seletivo de um dos maiores programas de empreendedorismo do Brasil e, nesse processo, eu precisei concorrer com três homens já experientes na área do empreendedorismo (tendo criado startups) e em posições superiores à minha no mercado de trabalho. Por ser a mais nova nesse grupo, eu acabei ficando responsável por tarefas com pouco potencial de liderança e impacto no projeto, isto é, acabei ficando em segundo plano. No entanto, como o programa avalia uma série de fatores, eu fui não só a única aprovada desse grupo composto majoritariamente por homens, mas uma das 50 aprovadas dentre mais de 10 mil candidaturas no programa. A partir disso, é possível notar que é quase improvável que alguém chegue até você e diga que não acredita no seu potencial, comu-

mente isso vai ocorrer de maneira implícita, com ações que tornam isso claro. E foi por isso que quando me conscientizei sobre isso, eu quis fazer algo para mudar essas práticas, porque eu não queria que outras jovens mulheres passassem por situações análogas. Histórias como essas podem ser contadas de maneiras bonitas e as personagens dessas histórias podem ser vistas como alguém incrível que superou desafios e alcançou uma posição desejável, entretanto, há desafios que não são bonitos de serem superados pois estes não deveriam sequer ser desafios na vida de uma jovem ou de uma mulher. Não é justo ter que provar sua capacidade ou duvidar das suas habilidades como cientista, líder ou protagonista porque alguém te fez acreditar que você não deve ocupar um dado lugar por ser inexperiente demais ou por ser mulher, mas quando se é uma e disposta a fazer o que alguns não fizeram, infelizmente é comum passar por isso o tempo todo, porém não é normal.

É a sua segunda estadia em São José dos Campos, porque a primeira não deu certo?

Micaele- Tivemos problemas financeiros. Na nossa primeira vinda à São José dos Campos, precisamos lidar com a discrepância do custo de vida em relação a nossa cidade natal.

O episódio da descoberta de um asteroide antes da NASA, fez você ficar conhecida de forma nacional. Acredita que tenha sido ali o divisor de águas na sua vida, ou já havia colecionado grandes conquistas antes daquele momento?

Micaele- Antes do episódio da descoberta do asteroide eu já colecionava conquistas marcantes e especiais na minha vida. Todavia, essa experiência me deu a oportunidade única de estudar em um colégio excelente, o Poliedro, e de levar a ciência para várias das maiores revistas e canais de comunicação do Brasil, alcançando pessoas de todo território nacional. Quando alguém me mandava mensagem e

Entrevista&



compartilhava que se sentia inspirado com a minha história e que queria fazer ciência também, tudo adquiria um valor muito significativo na minha vida. Meu sonho sempre foi não só impactar o meio científico, mas utilizar a ciência para impactar as pessoas e contribuir para mudar um pouco do mundo.

Sua oportunidade como bolsista no Colégio Poliedro foi a primeira experiência em uma escola particular?

Micaele- Sim. Antes do Colégio Poliedro, eu sempre fui estudante de escola pública.

Na sua opinião, qual o papel central da ciência para uma nação se tornar altamente desenvolvida?

Micaele- A ciência é, sem dúvida, a principal responsável pelo desenvolvimento que temos até hoje, ela nos permite investigar diversos fatores socioculturais sob um viés crítico, observar coeficientes que implicam nos impasses do mundo e propor soluções para aquelas que estão além do nosso senso comum. Com os investimentos públicos necessários e o olhar atento para os problemas sociais e meios de resolvê-los, a ciência e a tecnologia são capazes de expressar resultados relevantes para o desenvolvimento social de toda a humanidade. Todavia,

para alcançarmos esses resultados, precisamos lutar por uma ciência inclusiva que alcance, estimule e que suscite efeitos na vida da sociedade, de quem realmente precisa saber sobre ciência e tecnologia.

O Brasil, assim como todo o mundo, está passando por um grande desafio que é a pandemia de coronavírus. Como você viu o papel das autoridades brasileiras no enfrentamento do vírus?

Micaele- Em minha concepção, a atuação das autoridades não foi e não está sendo satisfatória no enfrentamento ao coronavírus. Desde o início da pandemia, apesar dos altos e baixos na tomada de decisões, as autoridades e os indivíduos que deveriam representar e preservar o nosso país adotaram uma postura danosa sob a perspectiva das políticas de saúde pública. Os discursos e atitudes incoerentes e negacionistas são notáveis até hoje, após mais de quatrocentas mil mortes e mais de um ano depois. Pouquíssimas pessoas conseguem fazer testes, e quando conseguem, são os sorológicos, com pouca eficiência para o diagnóstico, e se pensarmos na questão da vacina, o resultado é ainda mais insatisfatório, sem falar no fato de que tivemos suspensões de parcerias nacionais e priorização de medicamentos sem comprovação médica alguma para a Covid-19, como a hidro-

xicloroquina. Por fim, estamos vivendo em uma época na qual falamos da pandemia o tempo todo e que mesmo assim, poucas pessoas conhecem ou acreditam nos seus impactos e pressuponho que isso provém da falta de clareza nos posicionamento e políticas de saúde pública eficazes do governo federal.

Como o mundo científico é atingido com as notícias falsas que são veiculadas muitas vezes?

Micaele- A principal implicação negativa do fenômeno das fake news se dá devido à manipulação sob os indivíduos e ao amplo alcance. Notícias falsas envolvendo a eficiência de vacinas, terra plana e teorias da conspiração, representam um retrocesso na ciência e resultam na descredibilização dela. Estas representam um risco não só ao individual, mas ao coletivo e impõem riscos ao desenvolvimento social das pessoas que são afetadas por elas.

Na sua opinião, o Brasil é um país que valoriza a ciência e a tecnologia?

Micaele- No Brasil, enfrentamos inúmeras barreiras no meio científico e tecnológico, desde os baixos investimentos à disfunção precarizada do conhecimento produzido na academia. As percepções que os indivíduos dispõem da ciência podem sim acarretar na desvalorização dela e é por isso que temos cerca de 39% dos brasileiros que não acreditam na ciência. Logo, considero que, apesar de uma parcela da população entender a importância da ciência, ela ainda não é valorizada como deveria ser, e se pensarmos nas ciências humanas, esse fator se agrava ainda mais. Por isso é crucial que possamos nos empenhar na difusão do conhecimento por meio de projetos de divulgação científica e tentar levar a academia até as pessoas que estão fora dessa bolha.

Como você vê a participação das mulheres dentro do campo científico-tecnológico atualmente?

Micaele- O fenômeno da desigualda-

de de gênero nas carreiras científicas no campo conhecido como STEM (da sigla em inglês para science, technology, engineering and mathematics) ainda é uma problemática preocupante na atualidade, no entanto, as ações de incentivo ao ingresso feminino nas ciências, principalmente nas áreas de exatas, e na tecnologia estão crescendo a cada dia mais. É possível notarmos uma diferença significativa no que se refere a participação feminina em áreas consideradas “masculinas”, como as engenharias e a tecnologia. Entretanto, quando pensamos em representatividade nessas áreas, os resultados não são tão satisfatórios. Se analisarmos a questão das bolsas de pesquisa, colaboração em trabalhos científicos e a quantidade de publicações, percebemos que a porcentagem de mulheres tende a ser bem inferior, o que nos mostra que ainda existe dificuldade em vencer as barreiras de gêneros impostas nas ciências exatas e tecnologia.

Como surgiu o Projeto Sem Parar?

Micaele- O Projeto Sem Parar surgiu a partir de experiências pessoais de meninas em uma olimpíada científica de matemática. Foi observado que elas eram a minoria dos premiados nessa competição e, naquele contexto, isso ficou claro que esse episódio não tinha a ver com habilidades matemáticas ou acadêmicas, mas sim na falta de estímulo a participação de meninas nas olimpíadas nas áreas de ciências exatas.

Você é fundadora do Siciety Lab, uma organização sem fins lucrativos que visa democratizar o acesso à ciência. Atualmente, no Brasil, esse acesso é privilégio de poucos?

Micaele- Infelizmente. Uma pesquisa realizada pelo Centro de Gestão em Estudos Estratégicos (CCGE) e pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), mostrou que a população tem interesse pela ciência, mas

que não conhece muito sobre ela. Na maioria dos casos, a ciência ainda é elitizada e o acesso ao conhecimento científico não é inclusivo para todos que têm interesse por ela. É difícil gerarmos impacto na sociedade quando as pesquisas são voltadas somente à comunidade científica ou para pessoas que já estão inseridas nessa bolha. Os projetos de divulgação científica desempenham papel crucial na aproximação de pessoas à ciência, mas ainda assim precisamos pensar cada vez mais em modelos de popularização científica e em ferramentas que promovam uma maior participação dos indivíduos que não compõem o meio científico no debate sobre ciência visando uma maior compreensão dos processos relacionados à ciência.

É muita coisa para uma menina de 17 anos assimilar, ou você lida bem com tudo a sua volta?

Micaele- Não é fácil, mas aprendi a lidar bem com as minhas atividades. Amo fazer pesquisa, estudar, dar aulas, trabalhar etc., essas coisas me despertam paixões, me mantêm criativa e me aproximam cada dia mais dos meus sonhos. Ter um propósito e um sonho torna esse processo mais fácil na minha idade.

Longe dos livros, estudos, pesquisas, o que faz a Micaele? Gosta de séries, filmes, algum jogo, torce para qual time?

Micaele- Eu adoro conversar com as pessoas. Me sinto muito feliz com uma conversa descontraída e acolhedora. Os momentos mais felizes da minha rotina normalmente envolvem pessoas, artes e contemplação da natureza.

Se pudesse deixar um recado direto para outras garotas que neste momento enfrentam as dificuldades da pandemia para conseguir estudar de forma plena, qual seria?

Micaele- A primeira coisa a se fazer é lembrar que estamos em uma pandemia e que está tudo bem se não formos

produtivos o tempo todo. Não somos uma máquina. Quando o estudo ou o trabalho não está indo como o esperado, é importante refletirmos sobre os motivos pelos quais os resultados estão sendo negativos. É cansaço físico ou mental? Falta de autocuidado? Falta de autoconhecimento? Falta de motivação? Parar por um momento e avaliar seu contexto é crucial nessas situações. Por isso, o meu recado é clichê, mas importante: se cuidem antes de qualquer coisa. Estar bem consigo mesma pode propiciar resultados incriveis em diversos setores da vida. Outrossim, o autoconhecimento é fundamental nesse processo. É fundamental conhecer o que te deixa produtiva, como você trabalha melhor, qual método de estudos te faz estudar por horas e, o mais importante, saber reconhecer seus limites e o momento de parar quando algo não faz mais sentido. ■

